
O TEMPO E O VENTO: As relações entre o universo ficcional de Santa Fé e a baixada fluminense hoje, examinadas através de rodas de leitura

Kátia Maria Soares^(*)

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada na baixada fluminense, no município de Belford Roxo, periferia do Rio de Janeiro. Traz as impressões de doze jovens (idades entre 15 e 18 anos, estudantes do ensino médio) sobre produção de subjetividade, gênero e sexualidade, através de registros de atividades realizadas em quatorze rodas de leitura implementadas em uma escola privada de ensino básico, durante um semestre em 2008. As falas gravadas e transcritas desses jovens foram aqui examinadas, juntamente com a obra do escritor gaúcho Érico Veríssimo, pois seus personagens literários apresentam um complexo sistema de relações intergrupais que fazem referência às bases sociais, funcionais e econômicas da sua época e demonstram sua dependência com a cultura e dinâmicas locais, referenciando seus valores e suas condutas, inclusive afetivas. São, portanto, frutos do seu contexto, tal como os jovens pesquisados. Analisei comparativamente o universo ficcional da trilogia *O tempo e o vento* (mais especificamente o primeiro volume: *O continente* no seu terceiro episódio, a novela *Um certo capitão Rodrigo*) e o captado nas conversações do grupo participante da pesquisa nos encontros das rodas de leitura. Percebi que existem similitudes entre os dois universos, embora haja quase dois séculos de diferença (1828-2008). Em relação aos temas estudados, vários elementos foram ressignificados nesse grupo social, tais como os relativos às representações sociais sobre a instituição do casamento e o papel da mulher, bem como relações interpessoais de namoro e amizade.

Palavras-chave: Juventude; produção de subjetividade; gênero.

O presente estudo é parte de uma pesquisa realizada em uma escola de educação básica, na qual utilizei rodas de leitura como método. Para uma melhor compreensão das ideias trazidas neste texto, descrevo, primeiramente, como foram realizadas essas rodas – em termos metodológicos –, que possibilitaram as interpretações que farei mais adiante.

Como primeiro passo de entrada no campo, avisei aos alunos do primeiro ano do ensino médio da instituição particular de ensino, locus do trabalho, que eu faria com o grupo que desejasse, rodas de leitura tratando dos temas sexualidade, gênero e produção de subjetividades. Num segundo momento, a eles solicitei que respondessem um questionário sobre seus interesses de leitura e outras informações iniciais que serviram para a escolha dos textos – cujos resultados apontaram para um número muito pequeno de publicações lidas. No questionário, responderam se desejavam participar do grupo que se reuniria sempre às quintas-feiras, das 14 às 16h, durante inicialmente doze semanas – que foram posteriormente estendidas para quatorze, devido aos problemas de gravação na Sala de

^(*) Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis. Email: kátia@fabel.edu.br.

Leitura da instituição. Os que manifestaram desejo, levaram para seus responsáveis um formulário para autorização de participação, deixando claro os motivos e os temas que seriam abordados. Dos 57 alunos que responderam ao questionário, dezoito disseram que queriam participar, mas somente doze efetivamente confirmaram sua participação, entregando a autorização assinada.

Como o término das aulas às quintas-feiras se dava às 12h, a cantina escolar ofereceu almoço aos participantes todos os dias em que nos reunimos. A princípio, as rodas começaram – após a primeira que foi chamada de “piloto” – a ser gravadas através de vários aparelhos de mp3. Logo nas primeiras tentativas, viu-se que muito do que diziam estava se perdendo, pois os participantes falavam ao mesmo tempo. Por isso, duas rodas tiveram que ser descartadas para análise logo de início porque as gravações ficaram bastante prejudicadas. Por essa razão, optei por utilizar um microfone diretamente acoplado a um computador, com programa próprio.

Para minimizar o efeito constrangedor do microfone e facilitar passá-lo rapidamente entre os participantes, recorri a um artifício: dois bonecos de pano, um vestido de menino; outro, de menina. Unidos por uma camiseta, serviram para revestir, esconder e acolchoar o microfone. Em geral, os bonecos eram passados de mão em mão, seguros pelos braços e pernas. Os bonecos eram marcadamente diferentes e foram encarados pelos participantes de forma amistosa. Como elementos afetivos, ajudaram os participantes a esperar a vez para falar, pois não aguardavam somente pelo microfone, mas pelos simpáticos bonecos de pano que, no decorrer das rodas, não só ganharam nomes, mas uma história que também analisei na pesquisa.

Para a análise dos dados, foram utilizadas as transcrições de dez rodas. Das quatorze realizadas, três foram descartadas por problemas de gravação, e uma roda foi apagada do computador ao seu término, por um dos participantes, que talvez imaginasse estar apenas encerrando o programa. Dei muita importância às gravações e transcrições, pois, se tivesse me restringido às anotações, eu não conseguiria obter um registro mais preciso das falas tal qual foram ditas; talvez a minha própria subjetividade sobrepujasse às desses jovens. Foram mais de 450 páginas de transcrição, mas foram interpretados diálogos que, de alguma forma se repetiam, e os que, no meu entender, foram mais significativos.

Uma tarefa árdua inicial foi a escolha dos textos que serviriam de incentivo. Para isso, consultei todos os livros da própria Sala de Leitura da escola, considerados adequados para o tema da pesquisa. Além disso, visitei muitos *sites* e três livrarias de boa qualidade no Rio de Janeiro. Outros pesquisadores do mestrado me ajudaram e sugeriram textos também. Tudo isso resultou na seleção de vinte textos de diversos gêneros como: poesias, composições, quadrinhos, capítulos de livros, crônicas e contos. A escolha obedeceu aos seguintes critérios: abordarem temas relacionados

à identidade, gênero e sexualidade; estarem de acordo com a faixa etária dos jovens; serem adequados ao contexto escolar, pela qualidade de seus autores, pelo conteúdo e pelo tempo disponível para leitura nas próprias rodas.

Nas rodas, o leitor-guia funciona como o mediador que instiga as discussões sem, contudo, fechá-las com suas próprias opiniões, de modo a permitir que o grupo progrida em suas explorações a respeito dos temas e que essas explorações remetam às possíveis reflexões e aprendizagens. O leitor-guia não deve cortar essas tentativas de descobertas com suas ideias e seus juízos de valor. Esse trabalho eu aprendi com o meu professor do mestrado, professor doutor Pedro Garcia, através de suas aulas e na observação de sua prática com alunos de uma escola municipal, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, em 2008. Muito, também, contei com a visão de Jorge Larrosa sobre a formação do leitor.

Segui a recomendação de Lüdke e André (1986) para a análise dos dados: primeiramente, após o término da produção de dados, organizei o material gerado e dividi este em partes, “relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes” (p. 45). Isto foi feito marcando-se nas transcrições de cada roda os assuntos que surgiram relativos à pesquisa. “Num segundo momento, essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado” (p. 45). Assim foi feito, saindo-se da simples separação dos assuntos para uma análise, segundo as categorias que foram sendo, ao longo deste processo analítico, construídas e reconstruídas com o auxílio do referencial teórico e após inúmeras leituras do material produzido.

A análise, entretanto, ocorreu desde o princípio da realização das rodas, de maneira sistemática e contínua; gerando-se um relatório sobre cada uma delas, norteando inclusive a mudança de alguns textos, para que eu pudesse aprofundar ou promover uma reflexão maior sobre algo que notadamente os participantes repetiam sem a devida atenção. Também esse aspecto foi apontado por Lüdke e André que destacam que “estas escolhas são feitas a partir de um confronto entre princípios teóricos do estudo e o que vai sendo ‘aprendido’ durante a pesquisa”. (p. 45).

Esta análise passou, portanto, por levantar os assuntos e, ao mesmo tempo, atravessá-los por outras interpretações que me possibilitaram perceber se essa conversação entre os participantes, com a minha mediação, levou o grupo – através dos posicionamentos reflexivos e das discussões que conduzem às desconstruções – a reexaminar ideias pré-concebidas; saber, enfim, se essas discussões contribuíram de alguma forma para que se entenda melhor quem são os jovens, objetivo do estudo.

Ao concluir a pesquisa, fiquei tentada a fazer um aprofundamento mais voltado para a área da literatura, utilizando um referencial específico da área, deixando um pouco de lado o outro referencial teórico rico e diversificado que utilizei – autores como Stuart Hall, Guacira Louro, Tomás Tadeu, dentre tantos outros, e assim mergulhar na literatura, que sempre foi meu refúgio para as horas de cansaço. Encontrei inspiração na literatura que embalou minha própria adolescência: Veríssimo, um dos escritores brasileiros mais populares do século XX. Em sua obra escrita na segunda fase de sua carreira, cuja trama foi desenvolvida a partir do ano de 1828 e na década posterior, no fictício povoado de *Santa Fé*, interior do Rio Grande do Sul.

Um certo capitão Rodrigo foi uma dentre tantas obras examinadas como possibilidade de serem utilizadas nas rodas de leitura realizadas nesta pesquisa e o seu potencial para o estudo da produção de subjetividades, de gênero e de sexualidade, naquele momento, foi percebido, por se tratar de uma abordagem em que os personagens, embora literários, compõem um complexo sistema de relações intergrupais, que fazem referência às bases sociais, funcionais e econômicas daquela época e mostram sua dependência com a cultura e dinâmica locais, referenciando seus valores e suas condutas, inclusive afetivas. Esse mesmo processo se repete, de certo modo, no contexto dos participantes das rodas de leitura analisadas. Por isso, vi nessa obra um potencial para uma análise das representações sociais que foram ressignificadas nessa comunidade.

Em estudo realizado por Pesavento *et al.* (2001), sobre a trilogia da obra de Veríssimo, logo em sua apresentação, a vocação de *O tempo e o vento* é anunciada:

[...] não considerar que tal obra fala apenas do Rio Grande para o Rio Grande. Pelo contrário, concebemos o “regional” não necessariamente como datado e localizado, mas como particularidade capaz de, se bem trabalhada, ganhar generalidade suficiente para falar ao “todo” da literatura e do país, sem esquecer o mundo. Assim procuramos ver como é possível ler na obra *O tempo e o vento* um retrato de um certo Brasil, ou mesmo uma redescoberta nacional. Da mesma forma, nossa leitura pretendeu surpreender nesse livro uma dimensão do universal, daquilo que o faz tornar-se sempre contemporâneo e atual. (p. 7).

Entende-se, portanto, essa obra como uma visão mais ampliada do país de uma maneira atemporal, um “retrato de um certo Brasil” e ainda uma “dimensão universal” impregnada de contemporaneidade, de acordo com esses autores. Além disso, tanto Veríssimo como Jorge Amado foram fundamentais na minha própria formação como leitora: por isso, tenho com esses autores uma relação de gratidão, buscando aqui homenagear o sulista, já que na minha dissertação o baiano foi muito utilizado.

Ao comparar o que pensam e como vivem os jovens do ensino médio, de uma região periférica de uma mega metrópole, com a realidade vivida pelos personagens de dois séculos atrás no interior do país, o que pretendo aqui também é observar o tanto que houve de mudanças e o tanto que foi conservado dos padrões de comportamentos sociais no que diz respeito às relações de casamento, desde o namoro até a influência e o poder da família sobre essas relações.

Este trabalho trata, portanto, dos enunciados levantados pela pesquisa com os adolescentes, desta época atual, comparadas suas narrativas e experiências com as vivências retratadas no universo *verissiano*. São verificadas as similaridades e as diferenças, entre a produção de subjetividades, de gênero e de sexualidade observadas através dos personagens do povoado de *Santa Fé* e dos jovens pesquisados da cidade da periferia do Rio de Janeiro.

O objetivo principal deste estudo, portanto, é compreender até que ponto a sociedade hoje ainda ressignifica¹ “padrões” quanto à produção de subjetividades e, também, quais as mudanças ocorridas nas representações culturais que atuam nessas identidades. Apesar de Veríssimo não produzir uma narrativa de história de vida dos sujeitos em sala, ele trata do contexto no qual os sujeitos estão inseridos e de temas que talvez a escola devesse abordar para provocar reflexões e promover aprendizagens, nesta época em que carecem de orientações para a vida.

Vejo a importância deste estudo justamente pelo seu ineditismo e por propiciar uma abertura para discussão dos temas e das falas – que foram, na pesquisa, analisadas com os autores de referência sobre esses assuntos –, com um referencial literário, numa abordagem diferenciada e ao mesmo tempo instigadora e, por isso mesmo, possibilitadora de outras percepções/leituras oriundas de novos sentidos.

Este artigo é, também, uma reflexão sobre a utilização da literatura como possibilidade de comparação com a realidade pelos jovens, para que estes possam aprender com as vivências dos personagens e possam, partindo disso, compreender aquilo que validam ou descartam para suas vidas. Considero a obra de Veríssimo um material verbal registrado em documento, portanto, passível de uma análise dimensional dos constituintes das subjetividades demonstradas no diálogo que os diversos sujeitos/personagens realizam com informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, entre outros. A questão das relações de gênero e de sexualidade que permeia a obra estudada salta aos olhos do leitor e se encaixa perfeitamente nos propósitos desta análise de uma dada época e contexto, portanto, constituindo-se em realidade

¹ Não se trata da mera repetição dos mesmos “padrões”, mas de uma ressignificação, ou seja, um reposicionamento de significados.

ficcional possível de ser comparada a outras nestes dias, com a finalidade de se estabelecer parâmetros de análise mais objetivos.

O universo do *Capitão Rodrigo*, personagem de *O tempo e o vento*, torna-se, desta forma, um campo exploratório favorável a este estudo, pois essas relações que se estabelecem entre os personagens têm suas origens na produção de suas subjetividades. O que se entende, ali, sobre o “masculino” e o “feminino”, suas múltiplas significações, os estereótipos, os conflitos, desejos e conformações é realmente naturalizado, “aceito” e partilhado pelo grupo social. Tal análise se faz, no entanto, com a consciência de que

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma. (HALL, 1997, p. 17).

O que pensam os jovens estudantes da baixada fluminense sobre casamento, namoro e amizade serve de base para o estudo e, neste artigo, são marcos, pequenos subitens nos quais a análise está dividida.

I. CASAMENTO

A obra de Érico Veríssimo, apesar de uma ficção, é, na verdade, uma epopeia romanceada da história da nação brasileira. Seu título, *O tempo e o vento*, traz uma alusão ao texto bíblico:

Uma era vai, outra era vem, mas a terra continua. O sol se levanta, o sol se põe, ele se apressa na direção do seu lugar, é lá que ele se levanta. O vento parte ao meio dia, dá voltas ao norte, vai e volta, e no seu percurso retorna o vento. [...] O que foi é o que será, o que se fez é o que se fará; não há nada de novo sob o sol... Tudo é vaidade e pastagem do vento”. (ECLESIÁSTICA *apud* PESAVENTO, 2001, p. 25).

Com o título, o que o autor quer dizer é que essa construção, ao invés de uma progressão épica, é uma “imagem literária de circularidade”. Foi por causa do diálogo a seguir que a obra de Veríssimo foi lembrada e vista como possibilidade de servir aqui de referência para a análise:

E como é que vocês acham que transformou isso, que isso mudou?²

(F) Vai inovando né?

² As minhas falas estão colocadas em negrito, as falas dos pesquisados estão divididas em **M** para os rapazes e **F** para as moças, com o objetivo de esclarecer melhor a questão do gênero de quem está falando. Aqui estão transcritas tal qual foram enunciadas. Os nomes dos participantes foram substituídos.

-
- (M) Porque nós fomos parando de baixar a cabeça pra tudo que... Todo mundo quer de um jeito, aí todo mundo, “tá bom”.
- (F) As meninas podiam ter até dezoito anos, que os pais trancavam elas dentro de casa.
- (F) Hoje o mundo está totalmente diferente, totalmente mesmo.
- (M) Está diferente onde?
- (M) Algumas coisas sempre mudam.
- (F) A ordem natural das coisas é ir se modificando.
- (F) Igual, roupa, hoje é totalmente diferente do que era há anos atrás.
- (M) Claro que não, a moda sempre volta.
- (F) Vem cá, a moda sempre volta, então quer dizer que no ano que vem ou no próximo você vai ter que vir com espartilho, anágua saindo no joelho [...]
- (M) Tem coisas que voltam, mas nem tudo, mas mesmo assim, não mudou? Não vem mudando de ano a ano? Pode até voltar, não vai ser igual, porque mudou cara.
- (F) Mas uma outra coisa que muda sabe o que é também? As meninas de antigamente não eram vulgares, hoje em dia está totalmente [...]
- (F) Mas é aquilo, não pode generalizar, como a gente falou também semana passada.
- (M) Tipo, antigamente, ninguém usava uma saia dessa, ninguém usava um short desse.
- (F) Porque antigamente isso era um escândalo. Hoje a minha saia é grande meu filho!
- (M) Então, então mudou.
- (F) Tá, mas você vê, igual ela falou, é tudo baseado em antigamente, só que eles não fazem o mesmo, tipo, detalhe.
- (F) Mas mesmo assim modifica certas coisas. Mas de onde surgiu esta ideia? Foi de antigamente.

Quer dizer que a moda, ela volta, mas ela volta re-significada?

(F) É...

E casamento, também re-significa?

- (F) É, igual, casamento antigamente era pra sempre...
- (M) ...era pra vida inteira, hoje em dia...
- (F) ...você casava, gosto de você, aí passo a não gostar mais, vou ficar junto com você por causa dos filhos ou porque ficar casado é bonito. (Risos e falatório). A gente não se gosta mais, então procurava motivos onde tinha, entendeu? Não tem mais motivo nenhum pra ficar junto, mas ficar casado é bonito, então tá bom.
- (M) Mas casamento não é pra ser eterno não?
- (F) É pra ser eterno, mas hoje em dia você vê alguém casando pra sempre?
- (M) Claro...
- (F) Mas são menos pessoas...
- (F) Tem, mas é minoria.
- (F) Mas é mesmo, mas é minoria, o que ela falou está certo, sabe por quê? Porque muita gente casa por interesse, muita gente casa, aí vê que não é aquilo, separa ué. Não vai falar? Tem que falar mesmo! Faz que nem pobre, junta, junta e mora junto.

Casamento é uma coisa almejada ainda?

(M) Tem pessoas que sonham em casar, ter filhos.

(F) Quem não tem um sonho?

O texto que serviu de incentivo ao diálogo era de Carlos Drummond de Andrade, *Casamento*, escrito na década de 1960. A comparação do que acontece na moda com a evolução dos costumes de época foi providencial para que se pudesse compreender o quanto se encontra naturalizado no grupo a ideia de “evolução” impregnando o que se vive na sociedade, visto sempre parte de algo que existe e se modifica, mantendo alguns pontos comuns. A sequência do diálogo demonstra que não fizeram um corte entre a visão do casamento do passado com o momento atual, mas perceberam que a evolução dessa instituição tem se processado mantendo ainda características daquilo que já existia. Isso vai de encontro à visão de Hall (1997, p. 16), que enfatiza a descontinuidade e a intensa reflexividade como uma característica da Modernidade Tardia, tal como apontada por Giddens (1990):

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que na maioria das mudanças características dos períodos anteriores. [...] Em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.

No decorrer dessa roda de leitura, uma menina soltou a seguinte frase: “(F) A vida dela vai ser o quê? Lavar, passar, escravizada pelo marido...” (Roda de leitura de 12/06/2008). Existe ainda, nessa comunidade, um número significativo de mulheres que não trabalham fora e que dependem dos maridos. As que trabalham ainda não representam a principal renda no orçamento doméstico, colocando-lhes ainda numa situação de inferioridade e submissão. Por isso, o seguinte diálogo:

(F) Eu pelo menos não vou querer casar para falar: amor, me dá tanto pra comprar arroz? Amor, me dá tanto pra comprar feijão? Amor, me dá tanto pra comprar o absorvente? Amor, me dá tanto pra comprar isso, comprar aquilo? Totalmente dependente do marido? Não!

(M) Então a minha mãe é um lixo, né...

(F) Não, eu estou falando que eu não quero.

(M) Você não percebe? A mulher, ah, amor eu quero isso, amor eu quero isso. E roupa lavada? Quem vai lavar? [...] No casamento um depende do outro.

(F) Não, ela não quis dizer isso, ela quis dizer que a mulher tem que ser independente. Por exemplo, no dia dos namorados, ela quer dar um presente pra ele, ela vai pedir dinheiro pra poder comprar um presente pra ele?

(M) É lógico! Vai tirar de onde? Tem que ter uma fonte, vai tirar dinheiro de onde se não trabalha?

(F) Não, mas precisa falar que é pra comprar presente pra ele? Ela fala, amor, me dá dinheiro. O dinheiro é dela, desde o momento que ele deu pra ela, ela pega e compra o presente pra ele.

(F) Não, eu não vou fazer isso não, eu vou trabalhar e ele também [...] eu vou casar pra depender de homem? É ruim, hein!

(M) Minha mãe casou e depende de homem, então, se a pessoa vai querer ser dependente, porque está estudando então?

(F) Mas, daqui a pouco, ele me expulsa de casa, e aí? Você tem que ter um mínimo pra poder se sustentar.

(M) Quando você casar, não vai querer ter o seu próprio dinheiro, sem ser dependente de ninguém?

(M) Claro, olha só, olha a minha mãe, depende do meu pai, mas se ele for embora, ela tem estudo, ela tem trabalho, então ela volta a trabalhar, precisa trabalhar se ele dá tudo?

(F) Você está falando que ela está no mercado de trabalho, ela sai, assim, do nada, aí, me separei, o mercado de trabalho está esperando? Ninguém...

(M) Antes era mais difícil do que agora.

A independência financeira tão propalada parece que aqui ficou restrita à independência para comprar um presente para o marido e as suas coisas pessoais. Isso sinaliza que as mulheres com quem convivem mais proximamente não são exemplos de independência e de decisão próprias. O que os rapazes e as moças aqui discutem é uma “independência da mulher” bastante restrita, o que contraria as pesquisas mais recentes no país que mostram as mulheres como chefes das famílias em número cada vez mais crescente. Apontam também as dificuldades das que renunciam ao trabalho para criar os filhos e tentam retornar. Pelos diálogos dessa roda de leitura, nota-se que, para os(as) participantes, é natural que o homem seja o responsável por prover o mais importante, a alimentação. Com isso, pode-se concluir que é delegada a ele a chefia da família; ele deve ser, portanto, a instância superior nos processos decisórios.

No episódio *Um certo capitão Rodrigo*, a personagem Bibiana, ainda jovem, antes de se casar com o capitão, lamentava a perda da avó, com quem se identificava, e assim via sua própria mãe: “Achava-a boa, sim, serviçal, não havia dúvidas, mas muito parada, muito... sem histórias para contar”. (VERÍSSIMO, p. 27).

Ana e Bibiana foram únicas mulheres da família *Terra* a se casarem com “estrangeiros”; em outras palavras, por amor e contrariando o gosto de suas famílias. Os casamentos eram, na época, realizados visando à manutenção do patrimônio “sólido” das famílias, suas propriedades. Nesta época, atualmente “líquida”, entretanto, em que a economia e o capital são voláteis e virtuais, os casamentos parecem não mais obedecer aos mesmos motes. No entanto, ainda são vistos pelos participantes das rodas como “sociedades” nada românticas, por sinal, como assinala o seguinte diálogo:

(M) Então, mas é uma sociedade cara!

Quer dizer que o casamento, para você, é uma sociedade?

(M) Também é pra dar continuidade ao nome da família também.

-
- (F) Pra mim é o menos importante. O nome da família, eu acho que isso é o menos importante.
- (M) Por que não é importante? Você não quer que sua família mantenha o nome, se acabe aqui?
- (F) Não, mas eu acho que o nome é o que menos importa.
- (M) É o que eu falo cara, casamento é o quê? É nome, porque você pode morar junto, pode ter filho, pode ter tudo como um casamento.
- (M) Só que a diferença é que, quando você se separar não vai ter que dividir nada.
- (F) Olha só, tem que dividir sim porque é lei [...].
- (F) Dependendo do tempo que você está namorando, se o seu namorado te der o pé na bunda, você vai ter que dividir o que você tem com ele.
- (F) Não, mas isso é quando você vive junto.
- (F) Olha só, depois que você vive cinco anos com a mesma pessoa, ela tem direito à metade de tudo que você tem, cinco anos.

Encontramos análise semelhante quando examinamos a forma como Bauman (2001) contrapõe o sólido e o líquido para opor a *fluidéz* das subjetividades formadas na atualidade comparadas a uma ideia de *solidez* que se tinha no passado, quando as sociedades eram tidas como *estáveis*, Veríssimo opõe o *tempo* e o *vento*, para falar de coisas semelhantes e imbricadas. O tempo representa aquilo que é estável na sociedade, ou seja, a manutenção das oligarquias da época, como analisa Leenhardt (2001):

A obra de Veríssimo é construída privilegiando uma oposição temática e ideológica, na qual o primeiro desses princípios, o “tempo”, seria o valor sociopolítico que permitiu que se acumulem, ao longo dos anos, as vantagens dos poderes que se instituíram e dos quais os representantes, tratados de maneira típica da narrativa, são primeiramente os membros da família Amaral, Amos e senhores de Santa Fé, em seguida os representantes dos poderes instituídos, a Igreja, e o corpo constituinte, em particular a justiça. O tempo, dos calendários e dos relógios, estrutura o universo dessas instituições de poder. (p. 27-28).

Ana Terra – bem como todo clã dos “Terra” – representa o ser que está em completa harmonia com os ciclos da natureza, simbolizados pelo vento, em oposição ao tempo:

... o “vento”, que é também um princípio temporal, caracteriza-se como um fenômeno da natureza, metáfora do ciclo que leva os homens e as coisas, que dispõe as ações dos homens sobre a roda do eterno retorno. O “vento” é um princípio aleatório e regular ao mesmo tempo, no qual a lei não pode ser domesticada pelos homens na ordenação do calendário. (p. 28).

Evoca-se, com isso, o princípio que foi apontado no referencial teórico do trabalho de pesquisa como essencialista, fruto da visão da época do autor. Na concepção de Veríssimo, existe uma “natureza” da identidade, que não é cunhada pelo social, é intrínseca ao ser, aqui representada

pelo “vento”. O *vento* é aleatório, subversivo, no sentido de que essa natureza aparece para desestabilizar a ordem implantada pelo social. Por mais que se faça para se manter o que é instituído pelo homem, o “vento” sempre volta para lembrar os ciclos naturais a que este se submete.

O sentido traduzido nessa roda de leitura em que se tratou da instituição “casamento” foi o de considerá-lo apenas como uma “sociedade”, sem glamour, sem nenhum romantismo: apenas um meio de se sobreviver e de se pagar as contas. Até a função de perpetuação do sobrenome, de continuidade, parece que lhe foi diminuída. Em várias outras rodas, o casamento foi associado ao homem e a mulher engordarem, “enfiearem”, e de perderem todo o sentimento surgido no tempo do namoro.

O mesmo acontece com o *capitão Rodrigo* que, ao chegar à *Santa Fé*, tem em mente estabelecer-se no povoado, quando imediatamente apaixona-se por uma filha da terra e escolhe-a para se casar. Mas o *capitão* é um nômade por natureza, com o espírito dos bandeirantes da sua época, e sua vida de comerciante não lhe satisfaz. Vive outros romances extraconjugais e acaba partindo para outra guerra, fugindo do marasmo que se tornou sua vida. Quando volta ao povoado é para morrer e ser enterrado no cemitério. *Bibiana* contenta-se, pois, pelo menos, está “próximo” dela, então.

Os jovens deste tempo parecem não ter muitas ilusões quanto ao casamento e, diferentemente da época do *capitão* e de *Bibiana*, não consideram que tenha que ser para sempre:

Então qual a opinião de vocês sobre o casamento?

(M) Que é bom, mas é ruim.

(F) Eu acho que tem seus lados bons e tem os seus ruins também.

(M) E todo mundo que casa e se separa diz que não quer mais casar na vida, todo mundo fala isso.

(F) Mas aí vai e acaba casando de novo.

(F) É, mas eu tenho uns vizinhos, que eles se amam, toda hora brigam, [...] que ele não serve pra nada, mas estão juntos.

(M) Por isso que é bom, mas é ruim...

(F) Tem coisa que estressa [...] tem conta pra pagar, tem isso, você vai ter estresse.

(F) Namorar é uma coisa, casamento é outra. Eu brigo com ele... estou namorando, aí eu brigo com o meu namorado, tá bem, nós brigamos, ele vai para o lado dele e eu vou pro meu, mas casando eu vou acordar vou dar de cara com ele, tá lá do meu lado!

(F) Tem que saber, [...] minha mãe sempre diz que você amar o seu namorado numa sala bonitinha, uma televisão grande, um DVD e uma pipoca é fácil, agora, amar o seu marido dentro da sua casa, cheio de contas pra pagar e com a criança chorando no quarto fica mais difícil.

As colocações dos adolescentes, como claramente se pode observar na continuação do diálogo, estão repletas das experiências repassadas por seus pais e apreendidas nas relações dos seus avós, parentes e vizinhos. Nota-se que sua visão de casamento é bem diferente das romantizadas “relações a dois”. Ao contrário: demonstram ter os pés bem firmes no chão quando se trata da vida cotidiana de um casal. Se eles querem independência dos pais, via casamento, terão que dar duro e construir essa possibilidade por meios próprios. Possivelmente, diferentemente de jovens de outras realidades, estes aqui sabem que não poderão contar muito com seus pais financeiramente.

Em dois momentos, percebe-se em suas falas que os pais moram próximos dos avós, e é comum que utilizem parte do terreno ou o terraço da família para que o novo casal construa sua residência. Moram próximos, ajudam a criar filhos, mas são avós que não puderam auxiliar ainda mais do que terem propiciado alguma instrução aos filhos.

- (F) Não, quando uma pessoa, pô, a gente se ama, vamos casar, acho que elas fazem de tudo pra poderem ser felizes. Duvido se rapidinho não consegue arrumar um emprego, arrumar uma casa [...].
- (F) Mas é isso, você tem que primeiro fazer isso, não é casar e depois pensar em construir sua vida, senão não vai dar certo nunca.
- (M) Primeiro vou juntar meu dinheiro, trabalho, moro com o meu pai e com minha mãe.
- (M) Mas por que casar, então?
- (F) Mas não é melhor organizar sua vida primeiro?
- (F) Até porque, igual, a minha mãe mora ao lado da casa da minha avó, você tem a sua cabeça, você pensa de um jeito, a sua esposa vai pensar de um jeito, vocês juntos vão pensar de uma maneira, que pode não ser a maneira que seus pais pensam. Então, eles vão estar sempre dando palpite na sua vida de casado, como vocês devem criar seus filhos, como você deve trabalhar, como fazer comida, fazer as compras...
- (F) Tem uns que não são assim, meus avós não são assim...

Não é comum encontrar pessoas morando sozinhas nesta comunidade. Não se vê pessoas adultas habitando uma moradia exclusiva. É necessário que se dividam despesas, por força dos baixos patamares de salários dessa região. Por isso, a única via de saída da casa da família que parece existir, para que se busque alguma independência em relação aos pais, é ainda o casamento. A questão da conquista da independência está totalmente entrelaçada com o casamento. No texto que se segue, dão a entender que, para eles, a independência financeira é mais fundamental para o casamento que o próprio sentimento. Observa-se que eles deixam os sentimentos para o período do namoro, enquanto veem o casamento como um aspecto prático da vida. Chama-se a atenção, no trecho a seguir, para a expressão “*largada no mundo*”, em relação às mulheres que não se casam.

Vocês disseram que o casamento antigamente se justificava porque as pessoas não podiam namorar e hoje em dia há uma liberdade maior e por isso...

- (M) É porque antes gostava e não sabia o que ia acontecer amanhã. Aí, gostava, ficava com a pessoa e casava. Hoje não, gosta e gosta de outro amanhã.
- (F) Os pais obrigavam.

-
- (F) Lógico, qual o pai não vai querer que a filha tenha um casamento bom? Vai querer ver a sua filha por aí *largada no mundo*? Pelo menos eu acho que um bom pai não.
- (F) Não, não é assim, mas também prender a filha pra ele, isso é errado. Você está criando a sua filha pra você? Tá criando a sua filha para o mundo, não pra você.
- (F) [...] antigamente era assim, a menina já era criada pra isso, pra poder ficar em casa, cuidando dos filhos, fazendo comida, lavando roupa.
- (M) Antigamente a mulher não podia trabalhar. [...]
- (F) Não, porque antigamente o pai não aceitava o namoro, hoje em dia é normal, antigamente não, você está com o cara, ah, tem que casar. Agora não, agora você namora, o seu pai até deixa, mas antigamente não era assim.

Você quer dizer que agora ela tem o direito de escolher?

- (F) Às vezes o pai obrigava.
- (F) Igual, puxando pra “muuuuito” antigamente mesmo, o interesse era muito maior, o interesse era mais nos dotes, nas posses da família, porque as posses da família da noiva iam para a família do noivo, quando os pais dela morriam.
- (M) Malandramente, casava com um rico. *Até hoje*.

Aqui parece que não estão muito certos de que, nos dias de hoje, os pais não influenciam na escolha, de alguma maneira, dos cônjuges para os filhos, mantendo certa manipulação para que não deixem de optar pelos mais convenientes aos seus olhares. Fica de certa forma implícita que a escolha não é assim tão livre. Em outros momentos, nessa e em outras rodas, as falas confirmam que hoje existem novas maneiras, menos diretas, mais palatáveis e sutis de “impor” as escolhas da família aos filhos.

Além disso, em outras rodas, fica clara a diferença de expectativa dos pais em relação ao filho homem e à filha mulher. Atualmente, é comum o uso dos problemas da violência urbana – em função do contexto vivido na cidade do Rio de Janeiro, de forma especial em sua periferia –, como “desculpa” para impedir as moças de saírem de casa. Isso já existia no tempo de Bibiana:

Criar filho homem era mais fácil e menos arriscado. Juvenal estava casado, vivia sua vida: tratava-se de uma questão resolvida. Mas com Bibiana era diferente. Estava com vinte e dois anos e ainda solteira numa terra em que as moças se casavam às vezes com quatorze ou quinze anos. [...] A sua pressa em arranjar marido para a filha lhe vinha do medo de morrer duma hora para a outra deixando a família desamparada. [...] Sabia de casos horríveis: povoados atacados pelos índios que saqueavam as casas, matavam os homens e violentavam ou raptavam as mulheres. (VERÍSSIMO, p. 34).

A ideia da “fragilidade feminina” perdura ainda hoje no imaginário social, mesmo depois de todas as demonstrações em contrário, parecendo ser um rótulo difícil de ser retirado. Naquele tempo, Bibiana mostrou ter a força e a tenacidade da avó, dando a estrutura necessária para que a família pudesse continuar sobrevivendo, apesar do marido sempre ausente. Parece que a força física

ganha sempre maior destaque e visibilidade do que os aspectos mais subjetivos. A mulher descrita na obra de Veríssimo é uma boa demonstração.

Pedro Terra às vezes inquietava-se pensando no gênio da filha. Era voluntariosa, duma teimosia nunca vista e dum orgulho tão grande que era capaz de morrer de fome e de sede só para não pedir favor aos outros. No entanto, quem olhasse para ela julgaria, pelo seu suave aspecto exterior, estar diante da criatura mais meiga e submissa do mundo. (VERÍSSIMO, p. 25).

A “modernidade líquida” na qual estão inseridos os jovens desta pesquisa, ora é “modernidade vento”, quando é movimento que aproxima, ora é “modernidade tempo”, quando serve aos interesses dos poderes constituídos e das crenças repetidas sem reflexão. Isso depende do ângulo a partir do qual se enxerga a situação, guardando-se ainda muito de um “tempo perdido no vento”, ou um tempo que retorna num ciclo que parece não ter fim. *Santa Fé* e a cidade da periferia trazida aqui nesta pesquisa, ao que parece, possuem mais “mesmidades” do que a santa padroeira – Senhora da Conceição.

Muitos momentos das duas “narrativas” – a de Veríssimo e a dos jovens – dão a entender que foram realmente concebidas pelo mesmo padrão de subjetividades, frutos também das mesmas intencionalidades. Entretanto, a própria obra de Veríssimo deixa brechas para uma reflexão sobre a estabilidade das subjetividades à época. A trajetória do personagem *capitão Rodrigo* é um ponto que põe em dúvida se as subjetividades eram mesmo mais estáveis ou criadas a esta ilusão. Tendo em vista a perspectiva de que, na “modernidade tardia” (Hall, 1997), apenas a mutabilidade e a descentração tornam-se a tônica, isso nos permite analisar até que ponto o que se entende como pertinente a uma época também não passa de uma idealização, de uma leitura produzida a partir de determinadas intencionalidades.

De qualquer forma, o que se verifica é que algumas instituições sociais parecem encarar as mudanças de maneira mais lenta, mantendo formas mais tradicionais, talvez para continuar existindo e se justificando – ainda que através de lentas e quase imperceptíveis ressignificações.

II. NAMORO

E, quanto mais tempo passava, mais Rodrigo compreendia ser-lhe impossível viver sem Bibiana. O que a princípio fora apenas desejo carnal agora era também um pouco ternura: era amor. E o cap. Cambará inquietava-se por isso. Porque sempre lhe parecera que o único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor de doer no peito, de dar saudade

era amor de homem fraco. [...] E, em fins daquele dezembro quente e parado, Rodrigo Cambará pela primeira vez compreendeu o profundo sentido dum ditado popular: “*Quem anda cego de amor não sabe se é noite ou se é dia*”. (VERÍSSIMO, p. 63. Grifo da pesquisadora).

O “ditado popular” sinaliza que esse sentimento do *capitão* é o que pode subverter o próprio *tempo*, esse elemento que atravessa a produção de subjetividades e as interações sociais. O que Veríssimo diz nesse texto é que o amor é aquilo que abre uma janela para que se veja o que, em verdade, se é e se deseja. Esta seria a chave-mestra para se encontrar um caminho próprio em direção da *autenticidade*. Este também é um modo do sujeito ver a si mesmo. Ao se ver através do espelho da paixão, da implicação com o(s) outro(s), enxerga melhor a si, ainda que aconteça a “cegueira” por conta da idealização do outro.

Por várias vezes, o grupo de jovens participantes desta pesquisa trouxe suas vivências nas *micaretas*³ e outras festas similares que frequentam. Quando aparecia o “ficar”, não tinham nenhuma dificuldade de entrar nesse assunto, demonstrando que as tais festas eram uma espécie de competição, para ver quem “ficava” com mais pessoas. Entretanto, parece que o namoro, pelo menos da forma como Távola aborda no texto que serviu de incentivo ao assunto, inibiu-os. Não mais se falava em associações práticas, com fins específicos de “prazer”, mas se falava agora dos sentimentos. Foi “engasgo” geral... Foram necessárias muitas provocações para que pudessem falar, timidamente, desse assunto.

O que quer dizer “uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteia”?

(M) Eu acho que, assim, [...] uma pessoa dizer algo bonito. É difícil você não gostar de uma pessoa e sair declarando [...] vou falar alguma coisa que eu acho bom [...] só se você gostar que dá pra dizer...

Ele estava inspirado, ele estava inspirado porque vivia o romance? Alguém já viveu o namoro dele, do tipo assim?

[...]

Alguém já viveu um namoro que inspirasse tanto quanto esse aqui?

[...]

Por que será que ele coloca assim; “enlou-cresça”? Quando a gente vive uma paixão tão forte assim a gente enlouquece?

(F) Eu acho que sim.

(F) Em termos.

(F) É, em termos. Eu acho que o enlou-cresça foi quando ele colocou o amor mesmo como meio, que te deixa meio aéreo, e o cresça é porque você cresce com a outra pessoa, eles vão amadurecendo, crescendo mesmo.

³ Uma *micareta* é o nome que no Brasil é denominado o “carnaval fora de época”. O nome *micareta* deriva-se de uma festa francesa, *Mi-carême*, e desde os anos noventa vem se espalhando por várias capitais e cidades brasileiras.

As pessoas perdem a razão, perdem o chão?

(F) Perdem, perdem sim.

(F) Experiente! (Risos).

Aqui eles começam a falar, ainda que tateando. Sentiu-se que estavam mais falando para se ouvirem, pois não parecia ser um assunto que tenham tido oportunidade de discutir ou até de refletir sozinhos, até aqui. Iniciaram, então, um exercício bastante entrecortado. Retirei aqui as reticências no meio das falas, que indicam momentos de silêncio, para não estender demais o texto, mas foram inúmeros silêncios para dizerem o seguinte:

(M) Experiente... Ninguém sabe se está amando ou se vai amar de verdade, ninguém é experiente nisso. [...]

(F) Esse que é o problema, [...] mas tem gente que não consegue distinguir o que está sentindo, porque gostar, apaixonar e amar são coisas muito diferentes.

(F) Você acabou de dizer que a pessoa nunca sabe. [...]

(M) Mas como uma pessoa vai saber se está amando ou se não está amando? [...]

(F) Cada um tem a sua forma de amar, cada um tem a sua forma de sentir. [...]

(M) A pessoa se apaixona e só quer ficar com a pessoa, só quer ficar com ela, não quer viver, sair, discutir com a outra pessoa. O amor não, você vai construindo, você vai ajudando a pessoa a estudar, você vai ajudando a pessoa a construir a vida. [...]

(F) Isso... Eu acho que a paixão é assim, você o ama, eu amo o Luís, ele me faz feliz, aí eu tenho que fazer ele feliz também, mas ninguém no mundo pode, só pode ficar comigo, não é mais de ninguém, eu acho que já é uma coisa doentia, possessiva. Eu acho que amar é você querer fazer bem pra pessoa, porque a pessoa te faz bem e vocês irem crescendo juntos. [...]

(F) Não, é assim, eu estou gostando, estou andando junto com ele. Eu acho assim, eu gosto de você, a gente se gosta, é um carinho que eu tenho por você, mas se você me diz, ah aquela saia ali é linda, ah é ridículo, aquilo é coisa de demente, eu vou ficar com raiva, vou até parar de falar com você. Agora, se eu te amo, e você me diz que aquela saia é horrível, é coisa de demente, então tá, eu não uso a saia, e eu vou continuar te amando apesar da sua opinião. [...]

(F) E você, não vai falar nada? [Referindo-se a mim].

Em algumas rodas, eles manifestaram o desejo de me ouvir e de ver as anotações que a assistente de pesquisa fazia. Como, em geral, eram anotações referentes ao reconhecimento dos autores das falas para que se pudessem analisar as transcrições posteriormente, todas as vezes que pediram, foram atendidos. O interessante, desta vez, é que o assunto suscitou-lhes inúmeras dúvidas e inseguranças, parecendo mesmo que, pela primeira vez, pensavam dessa forma a respeito de sentimentos importantes. Precisavam não só da aprovação para o que disseram, mas realmente ansiavam por orientações. Nessa roda, a sensação foi de que, quem veio participar do grupo, chegou àquilo que realmente veio buscar pela participação no trabalho de pesquisa. De alguma forma, gostariam que a pesquisa respondesse às suas expectativas no sentido de saber mais sobre as relações de amor. Adoraram escutar o que eles mesmos disseram e de se ouvirem mais uma vez.

Para investigar mais as dificuldades de lidar com os sentimentos e até que ponto isso interfere na produção das subjetividades desses jovens para viverem as relações de parceria afetiva na fase adulta, foi lido, numa das rodas posteriores *O primeiro beijo*, de Clarice Lispector. O menino que sempre se gabava do número de meninas com quem *ficava* nas *micaretas* saiu com a seguinte frase, que foi aproveitada:

(M) O meu primeiro beijo não foi lá as mil maravilhas, mas foi... eu nem queria, foi praticamente obrigado...

O que você sentiu que é diferente nesse texto, que foi diferente para você? Dá para falar? Se não der não tem problema. Mas compara o texto com a vida.

(M) Acho que o beijo não foi tão mágico, igual dizem. Eu não estava com muita vontade, não foi tão mágico assim, foi um beijo, mas foi mais obrigado do que pela garota, entendeu? Aí tem a zoação... Fica, fica, tá jogando, brincando de bola de gude, todo sujo, “agarra aquela garota ali...”

Vocês disseram que existem beijos e *beijos*, não é? Vocês conseguem identificar por que existem beijos e *beijos*?

(F) Olha só, eu acho assim, tem uns... Não sei, que a gente gosta, que a gente, ah sei lá, que a gente se identifica mais, tipo assim, eu vou, beijo um garoto e é como se não tivesse acontecido nada? Parece não ter beijado ninguém, não sente nada, não bate aquele sentimento, sabe? Aquela emoção, sei lá, acho que é uma coisa assim...

(M) É, porque tem gente que você beija que você sente, sei lá, um calor...

(F) Ou dá aquele friozinho...

(F) Dá aquela tonteirinha. Mas tem gente que você beija e dá vontade de dar um soco, sai daqui logo...

Mas, se é tão sem graça, então, como é que é diversão?

(F) Nós vamos, assim, numa festa. Aí a gente vê um menino bonitinho, ah não, quero ficar com ele, quero ficar... Aí, quando chega na hora a gente vai lá, beija, só que não é nada daquilo que a gente achou, a gente não sente nada.

(M) Tipo, eu fico com a Aline. Aí a Aline é amiga da Gabriela. Aí a Aline fala com a Gabriela, ah que o beijo dele é bom, que não sei o que, que não sei o que. Gabriela quer ficar comigo, aí, outra, outra...

(F) Isso estraga muitas amizades...

(M) Quem tinha que estar aqui não está aqui hoje.

A pressão social, na época do *capitão Rodrigo*, era mais forte no sentido de não permitir a mesma liberdade para namorar. O *ficar* é um elemento desses novos tempos “fluídos”, ao que parece, mais a favor do “vento” e das vontades individuais. Mas também existe uma pressão nessa atitude, que vem do próprio grupo da mesma faixa etária. A expressão do participante que disse não ter sentido em seu primeiro beijo a emoção do personagem, ao ler o texto e ouvir os colegas, foi de decepção; seu rosto ficou contrito e ele demonstrou uma grande frustração por não ter ainda vivido uma experiência como as descritas. A pressão é para que se viva o maior número de experiências, enquanto que, outrora, a pressão era para que não se vivesse, ou se resguardasse para um tipo de vivência de certa forma concebida como “mais especial”.

A quantidade passa a ter um valor maior que a qualidade pela própria dificuldade de enfrentar os sentimentos e/ou como consequência da densidade demográfica das megalópoles, que torna cada indivíduo invisível na multidão, permitindo maior “liberdade”. O *capitão* também não lidava bem com os próprios sentimentos, mas não poderia sair à luz do dia beijando todas moças de *Santa Fé* para disfarçar essa dificuldade, tal como faz nas *micaretas* o jovem que se expôs no último diálogo. Nisso pelo menos o *capitão* evitava o problema ético desses adolescentes que acabam *ficando* entre si e “estragando muitas amizades”.

Outro paralelo entre os dois universos, o de *Santa Fé* e o dos jovens da pesquisa, é o ciúme que sentem os pais das suas próprias filhas. Alguns pais dessas jovens aparecem nos diálogos com as mesmas reações que *Pedro Terra* tem em relação a *Bibiana* e seu romance com o *capitão*. Examinando esse fato e todos os enunciados que tratam de sentimentos, percebe-se que esses – os sentimentos – não mudaram com o passar do tempo: o que mudou um pouco foram alguns elementos decorrentes de questões racionais, tais como a conscientização sobre a importância da mulher, sobre sua independência e de que não é uma propriedade que passa do pai para o marido. Ainda assim, isso mostrou estar mais no nível da razão do que dos sentimentos.

Uma constatação sobre esses universos é que hoje parece que as moças anteciparam para o namoro uma sensação que *Bibiana* sentiu na lua-de-mel:

E essa sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava de uma “china de soldado” não a abandonou nunca durante toda lua-de-mel. Principalmente quando se via frente a frente com o pai. (VERÍSSIMO, p. 102).

Isto foi percebido nesta pesquisa em muitos momentos, principalmente na roda em que usaram a expressão “moça direita”.

Veríssimo evoca em sua narrativa, diretamente, dois elementos da natureza: o ar, que é representado pelo vento, que no sujeito representa a *imaginação*, o pensamento; a terra, que está no sobrenome do clã e tem em *Bibiana* sua maior representação, pois ela se casa com um *Cambará*, que é o nome de uma árvore – a terra representa no sujeito a *ação*; a água está onipresente representada pelo local que contém todos, o Rio Grande, a água são as *emoções* no sujeito; o fogo é aquilo que gera, presente na padroeira, a santa da concepção, Nossa Senhora da Conceição, mas o fogo é aquilo que controla tanto os processos de *criação* quanto de destruição, é o que faz acontecer os ciclos nascimento-morte – para um novo renascer.

Por que o casamento de *Bibiana Terra-Cambará* com o *capitão Rodrigo Cambará* os fazia sofrer se havia o fogo, a água, a terra e o ar no início? O *tempo*, não o princípio da natureza, mas o

tempo dos calendários e dos relógios, que estrutura o universo das representações sociais, das instituições de poder e da produção de subjetividades, a “caixa preta”. Os jovens desta pesquisa demonstraram isso tão fortemente em sua visão sobre o casamento que quase colocamos na categoria *relações sociais* na sistematização da pesquisa. Os jovens não trataram como consequência *natural* do período do namoro, o seu prolongamento, mas como apenas uma instituição social, passível da corrosão fruto das intempéries, consequências do *tempo*.

III. AMIZADE

As relações de amizade foram pouco exploradas, aparecem como importantes no interregno entre as relações de interesse sexual, como para preencher uma carência, nos momentos de doença ou de solidão. O fato das moças falarem muito ao telefone com as amigas também aparece associado à carência. Também já haviam dito que um rapaz só liga para uma moça por interesse e vice-versa. Abaixo, um dos momentos em que se constata o que, de modo geral, já fora observado. Percebe-se que as relações de amizade são, em verdade, muito valorizadas em suas falas, mas pouco exercidas, demonstrando que estão muito mais presentes em suas vidas os jogos de sedução e as conquistas afetivas.

(F) Se me der um pé na bunda [referindo-se ao namorado], quem vai me consolar é o amigo.

(M) É, eu sei como é, bando de interesseiro cara! Olha, fiquei três meses dentro de casa porque eu fiz cirurgia, cadê amigo? Não recebi ninguém, se eu não tivesse um videogame não ia ter ninguém. Neguinho ia só pra jogar videogame!

(F) Mas aí você tem que ver por outro lado, igual como era na escola ano passado [quando esteve doente], não tinha um dia que não viesse pelo menos um amigo.

(F) Aí é amizade, aí você vê quem são seus amigos e quem não são seus amigos, você tem que ponderar, não é qualquer um que diz que você é legal, eu gosto de você e vai virar o seu amigo de infância.

(M) [...] dane-se os outros...

As relações de amizade são prejudicadas pela realidade desses jovens, por terem na comunidade uma situação mais privilegiada. As famílias costumam se fechar e não se comunicam com a vizinhança. Desenvolvem mais amizades na própria escola, mas, por não se encontrarem fora dela, acabam ficando mais restritos por falta de locais para o convívio. Por isso, a instituição escolar precisa estar proporcionando algum espaço. A desconfiança dos pais em relação às amizades dos filhos muitas vezes se justifica. Percebe-se que não é comum que eles incentivem seus filhos a terem um círculo maior de amizades. Isso tem reflexos importantes em suas vidas afetivas e na produção de subjetividades. Muitas aprendizagens oriundas das relações só acontecem mais tarde, quando conquistam uma confiança maior dos pais e quando adquirem mais independência para frequentar outros ambientes.

As rodas de leitura também funcionaram como local de socialização, suprimindo uma necessidade de contato e troca de experiências, dessa vez, com o consentimento dos pais. Abaixo uma transcrição da oitava roda, dois meses depois do início da pesquisa:

Mas então, por um lado, vocês disseram que os meninos acabam tendo certos comportamentos, e as meninas também, por pressão para ser parecido, por outro lado, quem não é parecido fica um pouco deslocado. Nem sempre?

(F) É, nem sempre, isso varia de pessoa para pessoa, porque tem tanta gente diferente por aí que... igual Jane falou, dela e da Morgana, que são diferentes mas que se dão bem.

(F) Isso vai mais da pessoa... eu mesma assim, um tempo atrás eu era muito quieta, não falava muito com o pessoal, *ai de um tempo para cá eu estou diferente*, assim, sei lá, eu acho que eu estou diferente, *eu estou falando mais com as pessoas e tudo...*

Eles estavam falando da necessidade de se parecerem entre si para serem aceitos. Depois admitiram que, mesmo diferentes, poderiam ser aceitos e, por fim, uma menina constata, sem aparentemente ligar isso com as rodas, que está diferente, falando mais e, possivelmente, se sentindo mais aceita também.

Em *Santa Fé*, existia a praça e a venda onde todos se encontravam e podiam estabelecer vínculos mais fortes de amizade. Na cidade onde se deu a pesquisa, as escolas e as igrejas exercem o papel de lugares de encontro, por falta de espaços públicos a isso destinados. Entretanto, as duas são instituições que possuem focos em objetivos que limitam a experiência e a espontaneidade, ou seja, elas têm fins previamente estabelecidos. Ao mesmo tempo em que a população cresceu, não houve a criação de locais para a aproximação dos mesmos grupos. Realmente, a impressão que se tem é que os vínculos são frouxos e se rompem com facilidade. A invisibilidade que proporciona fazer parte da multidão, por um lado, dá sensação de liberdade; por outro, de solidão.

Se *Santa Fé* era um “povoado de muros baixos” ou mesmo “sem muros”, onde todos se viam e sabiam o que se passava na vida uns dos outros; a cidade da pesquisa hoje tem “muros altos”, onde se fica imaginando o que acontece do outro lado. Ou isso nem preocupa, parece que não há um sentimento de coletividade que una os seus habitantes em prol das causas comuns; para isso, teria que partir primeiramente dos indivíduos, das relações entre si, para ter reflexos mais amplos numa implicação coletiva. Ou um *vento líquido e individual* para que pudesse acontecer um *tempo sólido e coletivo*, numa nova possibilidade de construção. Talvez a questão não seja a substituição, mas, como apontou Veríssimo, a circularidade entre *o natural e o social, o individual e o coletivo, o líquido e o sólido, o tempo e o vento*. Ou seja, a fé pode ser “santa”, mas não “cega”.

CONCLUSÕES

A obra literária examinada, *Um certo capitão Rodrigo*, analisada por Pesavento *et al.* (2001), serviu ao interesse de conhecer o quanto o grupo social estudado conserva, de épocas passadas, os modos de agir e de pensar no que diz respeito à criação de filhos e às estruturas sociais e afetivas que mantêm a constituição das famílias, embora seus motivos possam não mais existir ou não sejam em verdade os mesmos.

Pensamentos e comportamentos derivados são, muitas vezes, repetidos sem a devida reflexão. Dessa forma, as rodas de leitura realizadas com os jovens nesta pesquisa demonstraram ser eficazes, pois propiciaram oportunidades únicas de conversarem, discutirem e formarem, por eles mesmos, suas opiniões; questionando de forma saudável o instituído para repensarem novas maneiras de estabelecerem interesses e metas para suas vidas. Foram oportunidades também de saírem dos pensamentos estereotipados e das representações sociais que se perpetuam pela repetição, principalmente do que é/significa “ser feminino” e “ser masculino”, embora não mais tenham os mesmos significados de quando foram instituídas.

O papel social da mulher mudou, suas atividades e participações se ampliaram; entretanto, repetem-se fórmulas que eram utilizadas em outras épocas, quando isso não acontecia. Este estudo acabou por chamar a atenção para o quanto a comunidade desses jovens conserva valores do passado que necessitam ser revistos e transformados. Mostrou que é preciso ainda aprofundar a ressignificação das instituições sociais, adaptando-as às exigências dos novos tempos.

Ainda demonstrou este estudo que alguns autores vêm universalizando o que se chama de “pós-moderno” com base no que acontece nas metrópoles; entretanto, o local onde se deu a pesquisa, bem próximo da cidade do Rio de Janeiro, demonstrou ainda conservar muito das visões tomadas como ultrapassadas por esse paradigma.

Mais do que tudo, foi aqui reafirmada a capacidade de transformação social da educação, quando esta se faz propiciadora de instrumentos eficazes de trocas entre visões, opiniões e reflexões. Como demonstrou toda pesquisa, através das rodas de leitura, os jovens foram capazes de dialogar sobre questões que os inquietam, desestabilizam e provocam-lhes perplexidade, estimulados pelos textos e com a ajuda da leitora-guia. E este pode ser um sinal promissor de mudanças.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Casamento. In: *Seleção em Prosa e Verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad.: Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANÁRIO, Rui. [Coord.]. Escola: crise ou mutação? In: *Espaços de educação*. Tempos de formação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. p. 141-151.
- CANEN, Ana. A Pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, v. 16, n. 59, p. 297-308, abr./jun. 2008.
- COLASANTI, Marina. Com certeza tenho amor. In: *23 histórias de um viajante global*. São Paulo, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, n. 5).
- GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo. In: *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro, Rocco, s/d.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.). *Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- _____. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero, e sexualidade em sala de aula*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. (Col.: Letramento, Educação e Sociedade).
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Villore. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).
- MOREIRA, Antônio Flávio, CANDAU, V. Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PESAVENTO, Sandra. LEENHARDT, Jacques, CHIAPPINI, Ligia M. Leite. AGUIAR, Flávio. *Érico Veríssimo: o romance da história; texto e entrevista inéditos de Antonio Candido de Mello e Souza*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A cegueira e o saber*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- SILVA, Tomás Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- TÁVOLA, Artur da. *Namorado: ter ou não ter é uma questão*. Arquivo pessoal da pesquisadora.
- VERÍSSIMO, Érico. *Um certo capitão Rodrigo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- WERNECK, Vera Rudge. *Educação e sensibilidade: um estudo sobre a teoria dos valores*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1996.

ABSTRACT

This article is part of a research made in baixada fluminense, in the Belford Roxo, periphery of Rio de Janeiro. Brings us the impressions of researched youngsters – between 15 and 18 years old, high school students about production of subjectivity, gender and sexuality – passed through 14 wheels of reading held at a private school during half 2008 year. The speech of these young taped and transcribed here are examined, along with the work of the writer Érico Veríssimo, because his characters, although literary, make up a complex system of intergroup relations, which refer to the social bases, functional and economic your time and your show dependence with local culture and dynamics, that determines your conduct, including affection, are, therefore the fruits of their context as the youngsters researched; in order to analyze the fictional universe between the trilogy *O tempo e o vento* (more precisely the first volume, o continent, and even more specifically its third episode, a novel *Um certo capitão Rodrigo*) and what was captured in the wheel of reading, from the context of the participant group. it concludes there are similarity between the two universes, although it has nearly two centuries of difference (1828 - 2008). With respect to issues studied, several factors have been preserved in this social group, relating to social representations about the institution of marriage and the role of women, and interpersonal relations of friendship and dating.

Keywords: Youth; production of subjectivity; gender.

*Recebido em setembro de 2011
Aprovado em novembro de 2011*